

USO DE TELAS POR CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Um estudo preliminar

KAILA SAMPAIO FERREIRA¹; KAUANE DA ROSA BIANCHIN²; TALITA ANTIQUEIRA BARBOSA³; NÚBIA BROETTO CUNHA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – kailasampaioferreira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – kauanerbianchin@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tatalitabarbosa@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – broetto.nubia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O uso de telas, como celulares, tablets e computadores, tem se tornado cada vez mais presente na rotina das crianças. Estudos apontam impactos negativos no âmbito da saúde e educação, especialmente quando o tempo é excessivo e não supervisionado, podendo estar associado a atrasos de linguagem e dificuldades motoras, cognitivas e emocionais (MADIGAN et al., 2019).

Apesar do aumento de pesquisas, são poucas as que relacionam essa temática a crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual é frequentemente caracterizado por limitações na comunicação e interação social. Dessa forma, a exposição aos dispositivos pode ter efeitos ainda mais significativos, podendo potencializar dificuldades já existentes, ao mesmo tempo em que, quando bem direcionado, pode oferecer estímulos positivos (MUPPALLA et al., 2023).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendam que crianças menores de 2 anos não sejam expostas a telas e, para aquelas com idade entre 2 a 5 anos, o tempo máximo sugerido é de até 1 hora por dia, com supervisão de um adulto. Atualmente, com os avanços e popularização tecnológica, poucas famílias seguem essas recomendações e, por isso, faz-se relevante o estudo deste tema. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar o uso de telas em crianças com TEA participantes do Programa de Atenção Precoce na Infância - PROAPI.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo preliminar, de caráter descritivo e exploratório. A coleta de dados ocorreu em 5 escolas municipais de educação infantil da cidade de Pelotas/RS, envolvendo uma amostra de 12 crianças, com idades entre 3 e 6 anos, participantes do PROAPI e com diagnóstico de TEA. Este estudo foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas (número 84962524.3.0000.5317). Os responsáveis legais das crianças participantes concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foi aplicado um questionário próprio aos pais ou responsáveis, no domicílio da criança ou no ambulatório de neurodesenvolvimento da UFPel. O instrumento foi construído com base na literatura científica e no Nurturing Care Framework (NCF) da OMS, contemplando questões relacionadas a idade da criança, se faz uso de telas, idade de início da exposição, tempo diário, se o conteúdo era supervisionado, tipo de conteúdo e interação durante a atividade.

As entrevistas foram conduzidas por estudantes do curso de Fisioterapia, previamente treinados para a aplicação do instrumento e, foram respondidas pelo responsável da criança. Os dados foram tabulados no excel e analisados de forma descritiva, sendo apresentados a partir das médias, desvios-padrão e frequências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as crianças participantes da amostra, 4 meninas e 8 meninos, têm idade média de $5,05 \pm 0,97$ anos e acesso a telas desde os $1,11 \pm 0,73$ anos. O tempo diário de exposição é de $2,79 \pm 1,90$ horas e os responsáveis relatam que o uso é com supervisão, sendo os conteúdos mais frequentes filmes, séries e jogos infantis. Entre os participantes, 9 não interagem durante a atividade.

As respostas obtidas indicam que o uso de telas é precoce e frequente neste grupo de crianças, mesmo que supervisionado. A média de início antes dos dois anos está de acordo com estudos que indicam a crescente exposição digital na primeira infância (BECKER; DONELLI, 2022) e contraria as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), que não recomendam o acesso para menores de 2 anos.

O tempo diário, em metade dos casos, também está acima do recomendado, reforçando a necessidade de orientações às famílias. Embora a supervisão possa reduzir os riscos associados ao conteúdo inadequado, a maior parte das crianças não interage durante a atividade, o que pode limitar as oportunidades de estimulações sociais e cognitivas, principalmente para crianças diagnosticadas com TEA.

Esta análise preliminar do presente estudo, possibilita o levantamento de hipóteses e a problematização da temática. A amostra pequena, de 12 participantes, desta etapa do estudo que ainda possui dados preliminares, não possibilita generalizações amplas, mas permite identificar algumas características do uso de telas. Ainda, indica a relevância da coleta de dados que segue em curso, pois assim, com uma amostra maior será possível realizar uma melhor interpretação e compreensão da temática.

Estudos recentes reforçam essa tendência, indicando que crianças e jovens com deficiência, incluindo aquelas com TEA, apresentam maior tempo de exposição a telas e engajam-se mais em atividades sedentárias do que seus pares sem deficiência (VANDERLOO et al., 2025). Nesse contexto, o uso de telas pode ter impacto relevante no desenvolvimento social e comunicativo de crianças na primeira infância com esse diagnóstico, visto que podem potencializar dificuldades já presentes na interação social e no desenvolvimento global (VIEIRA et al., 2024), ressaltando a importância de estratégias que favoreçam interações ativas e a escolha de conteúdos educativos durante a exposição digital.

4. CONCLUSÕES

Os achados deste estudo preliminar indicam que o uso de telas em crianças com TEA ocorre de forma precoce e em tempo superior ao recomendado para a idade, mesmo quando supervisionado.

Embora os resultados não permitam generalizações, em razão do reduzido número de participantes, eles sinalizam a importância de orientar famílias e profissionais sobre estratégias de uso consciente e de ampliar investigações com amostras maiores. Dessa forma, este estudo contribui para fortalecer a discussão

acerca dos impactos do uso de telas na primeira infância em crianças com TEA, evidenciando a necessidade de práticas que estimulem interações ativas e conteúdos educativos como forma de minimizar e estimular o desenvolvimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares.** Ministério da Saúde, Brasília, 2022. Acessado em: 20 ago. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Nurturing care for early childhood development: a framework for helping children survive and thrive to transform health and human potential.** Genebra: OMS, 2018. Acessado em 18 ago. 2025. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/311664/9789241550536-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Menos telas, mais saúde: Atualização de orientações sobre tempo de tela na infância.** São Paulo: SBP, 2020. Acessado em 18 ago. 2025. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/24604c-MO_MenosTelas_MaisSaude-Atualizacao.pdf.

MADIGAN, S.; MCGOUGH, S.; SAMRA, M.; et al. Association between screen time and children's performance on a developmental screening test. **JAMA Pediatrics**, Chicago, v. 173, n. 3, p. 244–250, 2019.

BECKER, D.; DONELLI, T.M.S. Percepções parentais sobre a exposição do bebê às telas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 29, p. 1-10, 2022.

VANDERLOO, L. M.; DI SEBASTIANO, K. M.; WRIGHT, M.; FUNG, C.; PARENTEAU, C.; HARMER, B.; WU, C. Screen time among children and youth with disabilities: a systematic review and meta-analysis. **Child: Care, Health and Development**, Hoboken, v. 51, n. 1, 2025.

MUPPALLA, Sudheer Kumar; VUPPALAPATI, Sravya; PULLIAHGARU, Apeksha Reddy; SREENIVASULU, Himabindu. Effects of excessive screen time on child development: an updated review and strategies for management. **Cureus**, San Diego, v. 15, n. 7, 2023.